

cadadas pelo problema da subsistência. A essas oscilações demográficas irregulares, Malthus chamava ainda de vibrações, ou movimentos alternados de regressão e de progressão. Em conclusão, pedia que uma observação histórica sistemática fosse tentada, “durante muitos séculos”, quanto ao problema das relações entre recursos e populações.

E’ precisamente uma empresa desse gênero, sistemática e multiseccular, que tentou o historiador Emmanuel Le Roy Ladurie, no seu livro, *Les paysans de Languedoc*. O inquérito parte de variáveis quantitativas: povoamento, propriedade, produções diversas, preços, rendas, lucros, dízimos, fisco, usura e salários. E ele vai, como pedia Malthus, “até às maneiras e até aos costumes” das classes populares. Ele vai até às religiões e às culturas e chega até ao psiquismo inconsciente. Põe em evidência os bloqueios e crispções culturais, que se advinha, predominantes, pela inércia bi-seccular do produto bruto.

O livro de Emmanuel Le Roy Ladurie inspirou-se, pois, nas preocupações clássicas da história econômica e social e terminou em empresa de história total.

E. S. P.

*

* *

HANKE (Lewis). — *Tienen las Américas una Historia Común?* Institute of Latin American Studies. School of International Affairs, Columbia University. Separata do *Anuario del Instituto de Antropología y Historia*. Tomo I, Ano de 1964. Caracas, Venezuela.

Este trabalho do professor Lewis Hanke, originalmente é um artigo publicado como Introdução à obra *Do the Americas Have a Common History? A Critique of the Bolton Theory*, Nova York, 1964 (pp. 3-50), sendo autorizada a sua publicação por A. A. Knopf, no *Anuário do Instituto de Antropologia e História*, no ano de 1964, em Caracas.

E’ assunto de grande interesse para todo aquele que se preocupa com o estudo da História, principalmente para os que vivem no contexto americano, e dentro dele cuidam dos problemas de sua historiografia.

O estudo feito pelo prof. Hanke baseia-se na teoria de H. E. Bolton, que em 1932, no seu discurso presidencial, ante a Associação Norte-Americana de História, tornou pública sua idéia “longamente amadurecida” da “Epopéia da América, a Grande” (1), na qual afirmou:

“Es necesaria una consideración más amplia de la Historia de America, para suplir el enfoque exclusivamente nacionalista al cual estamos acostumbrados”...

E, mais adiante:

“Nuestros historiadores nacionales, especialmente en los Estados Unidos, tienden a escribir sobre las amplias fases de la Historia de America como si fuesen aplicables a un solo país”...

(1). — Bolton (H. E.). — *The Epic of Greater America*, in “*American Historical Review*”, XXXVIII, 1933.

O tema originalmente proposto por Bolton foi relegado ao esquecimento ou simplesmente recebido com apatia, como nos aponta Hanke. O assunto quando estudado era colocado em termos totalmente diversos, procurando mostrar as diferenças existentes entre a América do Norte e os países hispano-americanos, quer no tocante à cultura, quer no que diz respeito à sociedade e mesmo à evolução histórica. Entretanto, paulatinamente, a tese de Bolton, ganhou novos adeptos e um número grande de estudiosos do problema procuram estabelecer um meio de intercomunicação entre os estudos norte-americanos e os da América do Sul. Volta-se ao que parece, nos diz Hanke, ao estudo das Américas como um conjunto e não como “uma soma de Histórias nacionais e locais”.

Hanke nos dá, em todo seu artigo, um número enorme de contribuições de historiadores e as diversas formulações do problema colocado.

Mostra-se, em entanto, um pouco cético quanto à possibilidade de vir a acontecer realmente uma mudança de atitude por parte dos norte-americanos, principalmente quando afirma, no final do seu artigo:

“No obstante, los historiadores son, en su mayoría, tardos para el cambio. Aunque algunas asociaciones nacionales de profesionales se reúnen en distintas partes del país, la Asociación Norte americana de Historia, en parte por la razón práctica de su magnitud, celebra su reunión anual, por lo común, en Chicago, Nueva York, o Washington D. C. Sin embargo, una sesión está programada en 1965, en San Francisco, satisfaciendo así un sueño de los miembros de la Costa Occidental, acariciado desde 1900. La Asociación se ha reunido en el extranjero solamente una vez — en Toronto — en 1932, cuando Bolton pronunciara su discurso presidencial — y otra sesión está planificada para Toronto, en 1967. Si la Asociación alguna vez se trasladara a Ciudad de México, podríamos estar seguros que las ideas expresadas en “La Epopeya de América la Grande”, han, al fin, comenzado a arraigarse entre los historiadores norte americanos”.

E' o artigo do professor Hanke um excelente tema para discussões e meditação. Traz ainda, a meu ver, uma enorme contribuição no tocante à indicação bibliográfica, presente em notas de rodapé.

JOSE SEBASTIAO WITTER

*

* *

LENGYEL (Cornel). — *Presidentes do Estados Unidos: retratos e perfis*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1965. 216 págs.

Num país onde não houve transição entre o regime colonial e a forma republicana de governo, a figura do presidente desempenha um papel particularmente significativo. Nesta série de *retratos e perfis* preparada por Cornel Lengyel, podemos acompanhar a evolução da república norte-americana, a partir de seu primeiro presidente, para verificar que, embora não tenha mudado a forma de governo, embora a própria constituição não tenha sofrido alterações substanciais, a figura do presidente passou por uma série de modificações, a ponto de ter hoje em mãos mais poder do que qualquer outro chefe de estado, po-